

Editorial

É com grande alegria que apresentamos ao público leitor mais um novo número da Revista Odisseia, com artigos de colaboradores de cinco instituições de ensino superior brasileiras, a saber, IFRN, UFF, UFRN, UFRPE e UFS. Os sete artigos aqui publicados revelam a diversidade da nossa área, discutindo questões relacionadas à literatura hispano-americana, à literatura chilena, à literatura brasileira, ao estudo da discursividade e subjetividade e da argumentação.

O primeiro texto, de Tito Matias-Ferreira Júnior e Fabrício Guto Macêdo de Souza, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, intitulado “Leituras étnico-raciais e proposta didática em ‘O tapete voador’, de Cristiane Sobral”, analisa como a autora “através de narrativas envolventes, aborda a construção de uma identidade negra contemporânea e desafia preconceitos raciais e sociais”, e como propõe “modos de abordar o texto em aulas de literatura do 3º ano do ensino médio das escolas da rede pública de ensino”. Nesse mesmo percurso, o artigo dá destaque à “importância da conscientização e da resistência a antirracista como ferramentas de transformação social”. Os autores, a fim de atingir seus objetivos, sugerem a criação de sequências didáticas para contribuir com o processo de conscientização dos alunos sobre o tema discutido.

Na sequência, “Mar e areia em ‘Los que aman, odia’, de Silvina Ocampo e Adolfo Bioy Casares”, de Amanda Brandão Araújo Moreno, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, pretende explorar “as possíveis articulações simbólicas do mar e da areia no romance “Los que aman, odian” de Silvina Ocampo e Adolfo Bioy Casares”. Para isso, a autora lança mão de um referencial teórico que “compreende discussões acerca do espaço literário (Brandão, 2013), do fantástico e do insólito (Campra, 2008; Ceserani, 2006; García, 2007, 2009, 2012, entre outros) e do romance policial (Ponce *et al*, 2020)”. Ainda propõe “uma análise detalhada de como o mar e a areia são utilizados pelos autores para integrar o romance em seus aspectos temáticos, imagéticos e na trama.”

O terceiro artigo, “Medonhos sertões, Medonhos sarcófagos: a catábase em ‘O cabeleira’”, de Mateus de Novais Maia, da Universidade Federal Fluminense, objetiva “analisar os contornos espaciais na narrativa de Távora sob um novo prisma e compreender de maneira mais aprofundada o desenvolvimento do protagonista em função do seu trânsito por esse espaço”. A pesquisa que resultou nesse artigo foi

desenvolvida durante o mestrado do autor, que tinha como enfoque analisar a “construção discursiva da categoria sertão na obra de Franklin Távora, com particular destaque ao romance em tela”.

O artigo seguinte, “Poéticas do subtexto na narrativa hispano-americana: contribuições de Borges, Carpentier e Vargas Llosa para o ensino da Escrita Criativa”, de Francisco Zaragoza, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tem como objetivo “demonstrar que é possível neutralizar a potencial influência da didática anglo-saxônica da escrita criativa sobre a produção literária hispano-americana, tomando as poéticas ficcionais e as obras narrativas de autores canônicos hispano-americanos como ponto de partida para o ensino da escrita criativa a estudantes hispano-parlantes”. Para a análise do subtexto, o autor escolheu fazê-la em obras de três autores, Jorge Luis Borges, Alejo Carpentier e Mario Vargas Llosa.

O artigo de Christina Ramalho e Allana Souza, da Universidade Federal de Sergipe, “*Esta probrecita tierra*, de Juana Rojas: uma abordagem épica”, propõe uma leitura crítica da obra da poeta chilena com vistas a estabelecer “relações entre a obra e o gênero épico, com o objetivo de demonstrar como história, mito e heroísmo se fazem presenças épicas estruturantes, no sentido de dar realce ao *epos chileno*”. A abordagem metodológica aplicada pelas autoras consiste na ancoragem do estudo de “Allana Santan Souza (2024) e traz Leiva e Quintana (2010), Contreras e Winkler (2013), entre outros, como referências ao episódio em foco; enquanto Santos (2021), Silva e Ramalho (2022) e Goyet (2023) se configuram como as bases principais para o recorte épico”.

O sexto artigo que compõe este número, “Subjetividade e discursividade: alguns exercícios de análise à luz de Michel Foucault”, de Cellina Muniz, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, questiona se é “possível discutir temáticas ligadas à contemporaneidade na reflexão sobre subjetividade e discursividade ainda à luz do arcabouço teórico e analítico de Michel Foucault, morto há quarenta anos”. A pretensão é “refletir sobre a relação entre subjetividade e discursividade a partir de alguns conceitos do modelo foucaultiano de Análise do Discurso aplicados a representações identitárias”. Para isso, são analisados quatro exemplos de materializações discursivas, nos quais se manifestam representações identitárias ligadas a temas como LBTQIA+ e saúde mental, coletados no Instagram. A análise revela que “podemos observar tanto a pluralidade de posições-sujeito como a descontinuidade histórica na abordagem das temáticas, o que nos leva a concluir

que ainda se mostram producentes conceitos formulados por Foucault, tais como autoria, posição enunciativa e poder”.

Por último, no artigo “Argumentação nos anos iniciais do ensino fundamental: adaptações propostas para um livro indicado pelo PNLD”, de Aline de Santana Santos e Isabel Cristina Michelan de Azevedo, da Universidade Federal de Sergipe, discute-se a “necessidade de trabalhar o ensino de argumentação desde as primeiras etapas do Ensino Fundamental, uma vez que, desde cedo, as crianças participam de práticas discursivas que as possibilitam construir seus primeiros argumentos”. O objetivo das autoras é “propor alternativas favoráveis ao ensino de argumentação como prática social de linguagem a partir de materiais encontrados no livro didático Ápis Língua Portuguesa, distribuído pelo Programa Nacional do Livro Didático (2019)”. A pesquisa “baseia-se na proposta da argumentação na interação e no modelo dialogal de Plantin (2008)” e tem como corpus “uma seleção de textos e atividades encontrados no livro do 1º ano da coleção Ápis, recolhidos na unidade didática 16, denominada Cartaz de campanha”. Como resultado é apontada a “necessidade de formar o professor para o trabalho com a argumentação, por ser necessário avaliar o livro didático para que seja possível propor alternativas favoráveis ao ensino de argumentação em perspectiva interacional desde os anos iniciais do Ensino Fundamental”.

Desejamos aos leitores que esses estudos possam contribuir com pesquisas futuras e que resultem em novas produções. Nesse ensejo, agradecemos a contribuição de todos os autores e da equipe que trabalha na Revista Odisseia, além dos pareceristas *ad hoc* e do corpo editorial.

Boa leitura!

Samuel Anderson de Oliveira Lima
sanderlima25@yahoo.com.br

Marcelo da Silva Amorim
marcsamorim@gmail.com
Editores